

A potência subversiva da psicanálise na interdisciplinaridade

*José Maurício Loures**
*Gloria Sadala***

RESUMO: A interdisciplinaridade é uma aposta na integração de métodos, conceitos e práticas em torno de problemas complexos. Desde Sigmund Freud, a psicanálise constitui-se como um saber nascido do encontro entre diferentes disciplinas, firmando-se como modo inédito de interrogar o sujeito e a cultura. No âmbito do PPG em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA, a interdisciplinaridade é um exercício de pensamento que toma o inconsciente como operador comum. Em tempos em que a educação é atravessada por discursos de adaptação e produtividade, a psicanálise reafirma sua potência de resistência e criação diante das formas contemporâneas de desumanização.

Palavras-chave: INTERDISCIPLINARIDADE; SUBVERSÃO; PSICANÁLISE; INCONSCIENTE.

The subversive potential of psychoanalysis in interdisciplinarity

ABSTRACT: Interdisciplinarity represents a commitment to the integration of methods, concepts, and practices in addressing complex problems. Since Sigmund Freud, psychoanalysis has been constituted as a form of knowledge born from the encounter between different disciplines, establishing itself as a unique way of interrogating the subject and culture. Within the Graduate Program in Psychoanalysis, Health, and Society at UVA, interdisciplinarity operates as an exercise of thought that takes the unconscious as a common operator. In times when education is permeated by discourses of adaptation and productivity, psychoanalysis reaffirms its potential for resistance and creation in the face of contemporary forms of dehumanization.

Keywords: INTERDISCIPLINARITY; SUBVERSION; PSYCHOANALYSIS; UNCONSCIOUS.

La potencia subversiva del psicoanálisis en la interdisciplinarietà

RESUMEN: La interdisciplinarietà constituye una apuesta por la integración de métodos, conceptos y prácticas en torno a problemas complejos. Desde Sigmund Freud, el psicoanálisis se configura como un saber nacido del encuentro entre diferentes disciplinas, consolidándose como un modo inédito de interrogar al sujeto y la cultura. En el ámbito del Programa de Posgrado en Psicoanálisis, Salud y Sociedad de la UVA, la

* Psicanalista. Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA) e do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4374-2779>

E-mail: jose.loures@uva.br

** Psicanalista. Coordenadora e docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6927-6326>

E-mail: gloriasadala@gmail.com

interdisciplinarietà se presenta como un ejercicio de pensamiento que toma al inconsciente como operador común. En tiempos en los que la educación se ve atravesada por discursos de adaptación y productividad, el psicoanálisis reafirma su potencia de resistencia y creación frente a las formas contemporáneas de deshumanización.

Palabras clave: INTERDISCIPLINARIEDAD; SUBVERSIÓN; PSICOANÁLISIS; INCONSCIENTE.

Desde a sua origem, a psicanálise constitui-se como um saber nascido do encontro entre diferentes disciplinas, firmando-se como modo inédito de interrogar o sujeito e a cultura. Sigmund Freud (1856-1939) formou-se no interior da medicina, da fisiologia e da neurologia, mas deparou-se com algo que nenhum desses campos era capaz de circunscrever: o inconsciente.

A partir dessa descoberta, Freud inaugura um percurso investigativo orientado pela escuta da experiência psíquica, no qual a construção conceitual passa a acompanhar as exigências do próprio objeto, exigindo novos modos de abordagem e de formalização.

Em seu artigo de 1895, intitulado “Projeto para uma psicologia científica”, Freud demonstra certa tendência a submeter os fenômenos psíquicos ao modelo das ciências naturais. O abandono progressivo dessa proposta representa o reconhecimento de que há algo no humano que resiste à formalização estrita. Isso marca a constituição de um campo teórico próprio, no qual a investigação do aparelho psíquico passa a orientar-se pela complexidade de seus modos de manifestação.

À medida que esse campo se consolida, o inconsciente deixa de apresentar-se apenas como operador da experiência clínica individual e passa a ser reconhecido também em suas formas coletivas e culturais.

Em “Totem e tabu”, Freud (1912-1913) evidencia que a compreensão do sujeito exige o atravessamento pela antropologia, pela religião, pela mitologia, pela história e pela cultura, indicando que o inconsciente não se situa apenas no campo da clínica individual, mas se articula estruturalmente ao laço social. Essa é a perspectiva que se expande na segunda tópica freudiana, especialmente em estudos como “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) e “O mal-estar na cultura” (1930). O objeto da psicanálise revela-se, desde então, como um objeto que impõe a travessia dos campos disciplinares, pois aparece tanto no sintoma quanto nos mitos, nos rituais, na arte e nas formas de organização da cultura.

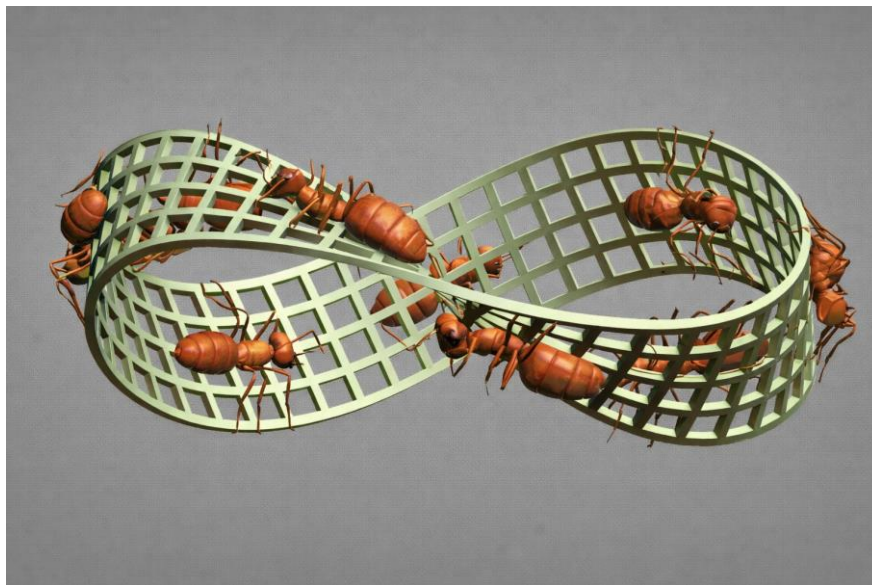
A vocação interdisciplinar da psicanálise é explicitada por Freud de modo direto em “O interesse científico da psicanálise” (1913), texto em que Freud afirma que a psicanálise ultrapassa em muito os limites da clínica, oferecendo também contribuições decisivas à educação, à filosofia, à linguística, à biologia, à teoria estética, à antropologia, à arqueologia e aos estudos da religião.

A psicanálise ocupa um lugar singular no campo do saber exatamente por operar na borda entre o biológico, o psíquico e o social, interrogando a própria noção de ciência a partir da irrupção do inconsciente. Posição que é retomada e aprofundada no artigo “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”, quando Freud (1919) defende que o ensino universitário da psicanálise é não apenas possível, mas necessário, ainda que irredutível aos moldes tradicionais da formação médica ou psicológica, uma vez que seu objeto, o inconsciente, subverte os critérios clássicos de objetividade e neutralidade científica.

Essa mesma lógica está presente em sua última grande obra de fôlego interdisciplinar, “O homem Moisés e a religião monoteísta” (1939), na qual Freud articula psicanálise, história, arqueologia, teologia, filologia e antropologia para sustentar uma

hipótese sobre a constituição do monoteísmo e da memória coletiva. Ao deslocar o método psicanalítico da clínica individual para o campo da história dos povos, Freud reafirma que o inconsciente opera também no registro da cultura e das formações sociais, instaurando uma leitura inédita dos processos de transmissão, recalque e retorno do recalado no plano da civilização.

Os escritos mencionados consolidam, assim, a psicanálise como um saber que nasce no entrecruzamento dos campos disciplinares e cuja especificidade reside justamente na impossibilidade de se deixar capturar por qualquer deles de modo exclusivo.



MC Escher: *Moebius Strip II (Red Ants)*, 1963.

É a partir dessa posição singular no campo dos saberes que se pode levantar, de maneira própria, a questão da cientificidade da psicanálise, que, desde Freud, não se coloca nos termos de uma ciência positiva fundada na mensuração e na previsibilidade, mas a partir de um rigor próprio, sustentado na formalização do inconsciente e na lógica de seus efeitos. Freud jamais recuou diante da exigência de cientificidade; ao contrário, inscreveu a psicanálise no campo da ciência moderna justamente ao levar às últimas consequências seus impasses, introduzindo o conceito de inconsciente, que escapa ao ideal de objetividade.

O ensino de Jacques Lacan (1901–1981) inscreve-se nessa mesma problemática ao recolocar a cientificidade da psicanálise em termos de formalização. Em um primeiro momento, essa elaboração apoia-se no diálogo sistemático com as ciências da linguagem, em especial com a linguística de Ferdinand de Saussure (1857–1913) e com a antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss (1908–2009). A partir dessas referências, Lacan formula a tese segundo a qual o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que permite precisar o estatuto das formações do inconsciente e estabelecer critérios formais para sua leitura clínica.

Essa articulação opera como recurso metodológico que contribui para a formalização do campo psicanalítico. Ao situar o inconsciente no registro da estrutura e do significante, Lacan oferece um quadro conceitual no qual a experiência analítica pode ser pensada segundo leis próprias, distintas tanto da psicologia quanto das ciências

naturais. Nos desenvolvimentos posteriores de seu ensino, o recurso à lógica e à topologia prolonga essa mesma exigência de rigor, ampliando os instrumentos de formalização.

Em “A ciência e a verdade” (1966), Lacan sustenta que a ciência moderna opera sob o signo da universalização e da equivalência formal, recusando a dimensão da exceção e do impossível. A psicanálise, ao contrário, recoloca a verdade no centro do campo do sujeito, sustentada precisamente em sua divisão estrutural. Isso porque a verdade, para a psicanálise, não está diretamente relacionada ao factual, mas é efeito sempre parcial de uma operação de linguagem; ela só pode ser semidita. A partir daí, toda pretensão disciplinar de fechamento do campo do saber encontra, na psicanálise, seu ponto de virada, na medida em que reinscreve no campo do saber aquilo que o discurso científico inicialmente rejeita: a marca da interdição e a impossibilidade estrutural que funda o humano.

Lacan (1966) enfatiza essa posição ao situar a psicanálise como efeito interno ao discurso da ciência e, ao mesmo tempo, como aquilo que nele denuncia uma falha estrutural. Ao sustentar a divisão que causa o sujeito, a psicanálise opera no campo científico em sua posição mais radical, fazendo retornar, no interior do saber, a dimensão da falta, do limite e, principalmente, da responsabilidade do sujeito. É nesse ato que se funda, simultaneamente, a cientificidade própria da psicanálise e seu posicionamento frente aos ideais de totalização, completude e neutralidade dos discursos vigentes.

Essa posição tem consequências diretas para o modo como a psicanálise se articula aos outros campos do saber. O diálogo interdisciplinar, quando sustentado pela psicanálise, não visa simplesmente à fusão harmoniosa das disciplinas nem à simples troca de conceitos, mas a oferecer um ponto de leitura específico, fundado na consideração do sujeito do inconsciente, recolocando em causa as pretensões de totalidade. Para que se compreenda o alcance crítico dessa posição, é preciso situá-la frente ao modo como o saber científico moderno se organizou historicamente.

O pensamento disciplinar, tal como se consolidou na modernidade científica, funda-se sobre operações de recorte, isolamento e especialização do saber. A partir do século XIX, sobretudo com o avanço do positivismo, os campos do conhecimento passaram a organizar-se segundo fronteiras cada vez mais rígidas, produzindo territórios autônomos, linguagens próprias e comunidades científicas encerradas em seus próprios regimes de validação (Barros, 2019).

A história da constituição dos campos disciplinares mostra que eles são formações históricas, produzidas por recortes teóricos, metodológicos e institucionais, e não territórios naturais previamente dados. Cada disciplina constrói seus objetos, sua linguagem, seus métodos e suas formas próprias de legitimação, mas nenhuma delas se constitui sem atravessamentos, deslocamentos e confrontos com outros campos. A interdisciplinaridade surge, nesse contexto, como contraponto a esse processo, reintroduzindo a porosidade das fronteiras e recolocando em jogo a unidade problemática do humano como ponto de partida e de chegada do conhecimento (Barros, 2019)

Quando pensada a partir da psicanálise, a interdisciplinaridade não se reduz a um diálogo técnico entre disciplinas nem a uma coordenação metodológica de saberes já constituídos. Ela se impõe como exigência estrutural do próprio objeto psicanalítico. O inconsciente não se deixa circunscrever por um único campo, pois ele se manifesta no corpo, na palavra, no sintoma, no sonho, na criação artística, nos laços sociais e nas formas de sofrimento na cultura. Se o inconsciente é, como afirma Lacan (1964), o discurso do Outro, então a psicanálise se define, desde sua base, como um saber vinculado a múltiplos discursos, articulando-os de modo singular. A interdisciplinaridade, aqui é

efeito da impossibilidade de fechamento do saber, de modo que, considerando as diferenças entre as disciplinas, as põe em movimento criativo.

A potência subversiva da psicanálise na interdisciplinaridade revela-se com maior nitidez quando se considera sua relação com o discurso universitário e com as lógicas contemporâneas de produção de saber.

Lacan (1969-1970), ao formalizar os discursos, mostra que o discurso universitário tende a organizar, administrar e acumular saberes, frequentemente apagando o sujeito como efeito de seu funcionamento. Em contraponto a essa lógica, o discurso do analista opera por uma inversão: nele, o lugar de agente é ocupado pelo objeto que causa o desejo, objeto *a* na álgebra lacaniana, fazendo surgir o sujeito marcado pela falta. O analista não se coloca como aquele que detém o saber, mas como suporte da causa que coloca o saber em movimento. É justamente essa operação que confere à psicanálise sua posição ética singular frente aos demais discursos e lhe permite intervir de modo singular na pesquisa e práticas interdisciplinares.

Essa posição possui efeitos decisivos no campo das práticas, na medida em que define o modo pelo qual a psicanálise se inscreve nos diversos domínios da vida social e institucional. Ao atravessar os campos da saúde, da educação, do trabalho social e da cultura, a psicanálise pode operar como agenciadora de questionamento e responsabilização, interrogando os modos de sofrimento e as formas de resposta que se encontram instituídas em cada um desses contextos, bem como as posições subjetivas que nelas se produzem.

Freud já indicava, em *O mal-estar na cultura* (1930), que o sofrimento psíquico não pode ser compreendido de forma isolada, uma vez que se articula às condições que organizam a vida em comum, às exigências impostas pela civilização e às formas de renúncia que dela decorrem. Essa leitura inaugura uma compreensão do sofrimento que ultrapassa o âmbito individual, sem, contudo, dissolver a responsabilidade do sujeito por sua posição frente ao inconsciente que o determinam.

Em Lacan, particularmente a partir do *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970), o laço social é pensado como efeito de modos específicos de articulação entre saber, verdade e gozo. Ao formalizar os discursos como estruturas que organizam as relações sociais, Lacan oferece instrumentos conceituais para a leitura das práticas institucionais, permitindo situar as posições que nelas se produzem e os modos de circulação do saber e do gozo. Nesse contexto, a ética do discurso analítico se orienta pela sustentação de um lugar que possibilita a emergência da verdade singular, mesmo quando esta introduz impasses nos modos estabelecidos de funcionamento social.

Essa posição ética encontra seus fundamentos no ensino de Lacan no final da década de 1950 e início da década de 1960, quando, ao conduzir o *Seminário 7* no Hospital Sainte-Anne, em Paris, ele formula o que denomina a ética da psicanálise, ou ética do desejo. Seu propósito não era estabelecer um código normativo para a clínica, mas interrogar as consequências éticas da relação do sujeito com o inconsciente e com a verdade que o atravessa, situando seus efeitos diretos na direção do tratamento. Lacan recorre à tragédia por reconhecer nela um campo privilegiado de formalização da ética, na medida em que a cena trágica expõe, de modo radical, a singularidade e a intransigência do desejo, sempre irreduzível às coordenadas do bem comum e da moral estabelecida.

Em *Antígona*, figura central em seus desenvolvimentos, o desejo da protagonista ultrapassa o registro das leis da cidade e da moralidade convencional, encarnadas na tirania de Creonte, para afirmar-se segundo uma outra legalidade, a das “leis não escritas”, situadas para além da ordem simbólica instaurada pelo poder político. Ao insistir em

sepultar o irmão, mesmo ao preço da própria morte, Antígona se mantém fiel a uma exigência absoluta de seu desejo. A tragédia evidencia, assim, um ponto de fratura nos sistemas normativos, fazendo emergir uma zona em que as categorias de bem e mal já não são suficientes para dar conta da decisão do sujeito. É nesse ponto que podemos localizar o caráter propriamente ético do desejo: sua relação com o impossível e com aquilo que, no sujeito, não se deixa domesticar pelo cálculo da utilidade, da adaptação ou da eficácia.

Quando Lacan formula a máxima “não ceder quanto ao seu desejo”, ele não convoca o sujeito a uma busca desenfreada por satisfação, tampouco legítima qualquer forma de gozo. Trata-se, antes, de uma ética na qual o sujeito é chamado a responder por sua posição diante da falta estrutural que o constitui. Não se trata de realizar o desejo, mas de não o trair, o que implica sustentar a divisão subjetiva, assumir a perda que funda o campo do desejo e renunciar às soluções imaginárias de completude. A fidelidade ao desejo não se confunde, portanto, com a obediência ao capricho, mas com a assunção de uma responsabilidade diante da própria verdade.

Em um contexto cada vez mais atravessado por imperativos de produtividade, desempenho e mensuração, a psicanálise reafirma o valor do não-saber como operador fundamental de abertura do pensamento. Ao sustentar que não há saber último sobre o sujeito e que o desejo não pode ser inteiramente decifrado nem administrado, a psicanálise resiste às tendências contemporâneas a classificar, mensurar e normalizar as formas do sofrimento humano. Desse modo, a ética do desejo sustenta uma posição crítica frente às formas de captura do sujeito pelos discursos dominantes, preservando o lugar do impossível, do resto e da singularidade como elementos irredutíveis da experiência humana.

A interdisciplinaridade, quando atravessada por essa ética, deixa de ser apenas uma estratégia metodológica para se tornar um ato político. Ela se opõe à lógica da hiperespecialização por recolocar, no coração das disciplinas, a questão do sujeito. Ao fazer circular o inconsciente entre os campos, a psicanálise desnaturaliza seus objetos, relativiza suas fronteiras e introduz um ponto de indeterminação que impede o fechamento dos saberes sobre si mesmos. Nesse sentido, ela opera como força de resistência frente às modalidades contemporâneas de fragmentação do humano.

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA) inscreve-se nessa tradição interdisciplinar ao longo de duas décadas de existência. Fundado em 2006, iniciou na modalidade de Mestrado Profissional, alocado à área interdisciplinar da CAPES. O Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade foi reconhecido em 2012, com início de suas atividades em 2013, ampliando significativamente o escopo formativo e investigativo do Programa. Em 2018, o Mestrado passou à modalidade de Mestrado Acadêmico, em consonância com recomendação da Comissão de Avaliação da Área Interdisciplinar da CAPES. Tal recomendação destacou a existência de uma produção acadêmica expressiva e de linhas de pesquisa estruturadas em torno de projetos temáticos de natureza acadêmica, que adensam suporte teórico-metodológico ao campo do conhecimento. Com isso, o Mestrado e o Doutorado passaram a constituir, em 2019, um único Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade, fortalecendo a integração entre formação, pesquisa e produção intelectual. Essa unificação representou a maturação de um projeto acadêmico concebido desde sua origem como espaço de interlocução interdisciplinar e de reflexão crítica sobre os modos contemporâneos de sofrimento, os dispositivos institucionais e as transformações do laço social.

Esse trabalho tem sido sustentado por um corpo docente cuja formação interdisciplinar e trajetória acadêmica conferem densidade teórica às atividades de ensino, pesquisa e orientação. A atuação dos docentes articula produção intelectual, experiência clínica e inserção institucional, favorecendo a elaboração de pesquisas que tomam a psicanálise como eixo de leitura dos impasses contemporâneos do sujeito e do laço social. É a partir desse trabalho coletivo que o Programa vem assegurando continuidade à sua proposta formativa e à produção de conhecimento no campo da psicanálise em interlocução com outros saberes.

Essa orientação também se expressa de modo contínuo na realização dos Simpósios Internacionais Interdisciplinares promovidos pelo Programa, que chegaram, recentemente, à sua sexta edição, sob o título *Cartografias da Violência: Cultura, Sociedade e Saúde na Contemporaneidade*. Esses encontros têm reunido pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas - como literatura, antropologia, história, direito, saúde e artes - em torno de problemas contemporâneos que exigem leitura transversal e diálogo entre saberes. Parte significativa das discussões desenvolvidas nesses simpósios deu origem a publicações que prolongam e aprofundam o debate acadêmico, como a coletânea *Enfoques Interdisciplinares*, da qual resultaram dois volumes: *Psicanálise & Antropologia* e *Psicanálise & Direito*.

Nesse mesmo horizonte, insere-se a *Revista Trivium: Estudos Interdisciplinares*, periódico vinculado ao Programa que, desde 2009 representa um espaço de circulação e debate da produção acadêmica no qual a psicanálise se encontra com as ciências humanas e sociais, refletindo o caráter interdisciplinar que orienta o Mestrado e o Doutorado.

A trajetória de afirmação institucional do Programa, seu reconhecimento acadêmico e sua projeção nacional devem-se, em larga medida, à dedicação contínua de seus professores, assim como de sua fundadora, Dra. Gloria Schwab Sadala, cuja orientação intelectual, ética e política imprimiu ao PPG uma marca própria no cenário da pós-graduação brasileira.

Ao longo de sua história, o Programa formou mestres e doutores, estruturou linhas de pesquisa consistentes e ampliou suas articulações interdisciplinares, mantendo-se fiel ao legado freudiano e às exigências teóricas e clínicas que caracterizam a psicanálise. As dissertações e teses produzidas no PPG articulam campos distintos a partir da incidência da lógica do inconsciente sobre objetos situados simultaneamente nos registros jurídico, educacional, cultural, social, econômico e artístico, produzindo elaborações conceituais relevantes. É nesse atravessamento que sua potência subversiva se faz sentir: em tempos sombrios, marcados por discursos de adaptação, desempenho e produtividade, a psicanálise reafirma sua função contracorrente ao sustentar o lugar do não-saber, do enigma e da escuta, afirmando-se como potência de resistência e criação diante das formas contemporâneas de desumanização.

Referências

- Barros, J. D'A. (2019). *Interdisciplinaridade na história e em outros campos do saber*. Vozes.
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. 1). Imago. (Obra original publicada em 1895)
- Freud, S. (2006). O interesse científico da psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (Vol. 13). Imago. (Obra original publicada em 1913)

- Freud, S. (2013). *Totem e tabu*. L&PM. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura*. Autêntica. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. L&PM. (Obra original publicada em 1939)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Jorge Zahar.

Citação/Citation: Loures, J. M.; Sadala, G. (2025). *A potência subversiva da psicanálise na interdisciplinaridade*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no.esp.), pp. 08-15.

Recebido em: 13/12/2025
Aprovado em: 09/01/2026